

## ARTIGOS

### O BOTEQUIM E A GEOGRAFIA DO ÓCIO NA PAISAGEM COMPARTIMENTADA DA CIDADE<sup>1</sup>

**Kleber do Sacramento Adão**

Fundação de Ensino Superior de São João del Rei

#### **Resumo**

Este trabalho busca discutir o botequim enquanto espaço de lazer popular caracterizador de um certo estilo de vida na vida da cidade. Dialogamos com alguns autores que refletem acerca deste ambiente, seja buscando compreender seu significado na sociedade urbana brasileira, seja considerando-o como um produto cultural importante no cotidiano da vida brasileira ou mesmo propondo estudá-lo, tendo em vista o significado assumido pelo mesmo, a partir da percepção de seus freqüentadores habituais. Abordando-o sob a ótica da cidade e da produção social de seus espaços urbanos, partimos da percepção de que existem nas cidades espaços de lazer compartimentados, onde os indivíduos promovem seus encontros com seus pares sociais habituais. Nesse sentido, a compreensão do botequim na geografia do lazer da cidade deve ser objeto de análise e consideração.

Palavras-chave: lazer; cidade; estilo de vida.

#### **Introdução**

Discutir o tema botequim, seu espaço e seu ambiente, a partir dos estudos do lazer, não é uma tarefa fácil, contudo não menos interessante, uma vez que revela uma dimensão da cultura popular brasileira relatada em verso e prosa e, por que não dizer uma faceta do estilo de vida e do cotidiano de parte da população, que faz deste ambiente um momento de lazer.

O tema chamou-nos a atenção a partir de uma constatação empírica, ou seja, o significativo número de casas de bebidas e congêneres existentes nas pequenas e médias cidades do interior, como também a quantidade e regularidade de seus freqüentadores habituais, seja ao longo do dia, seja sobretudo após o encerramento da jornada de trabalho.

Da mesma forma que o botequim parece estar inserido no cotidiano como sendo uma dimensão arraigada na cultura popular brasileira, o mesmo trás inserido em si aspectos postos em discussão na sociedade atual como o problema do tempo livre e

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no V Congresso Mundial do Lazer, realizado no SESC de São Paulo, de 26 a 30 de outubro de 1998, sob a chancela da World Leisure and Recreation Association e da Associati6n Latinoamericana de Tiempo Libre y Recreati6n.

do lazer dos cidadãos, fatos estes que atingem não tão somente as metrópoles, como também as cidades médias e pequenas do interior brasileiro. Nestas últimas, a apropriação de certos espaços e ambientes durante o tempo livre dos indivíduos chama-nos a atenção para a discussão os possíveis significados do lazer enquanto atitude e enquanto representação da vida cotidiana de parcelas da sociedade urbana brasileira.

Consideramos, dessa forma, que refletir sobre o espaço do botequim enquanto equipamento de lazer presente na paisagem urbana da cidade significa refletir acerca do estilo de vida do grupo que o frequenta, suas práticas de lazer e seus modo de ocupação do tempo livre. Implica em dimensionar as relações postas entre a prática cotidiana dos indivíduos e as políticas de lazer e entretenimento levadas a efeito pela moderna sociedade de consumo.

### **Aspectos socioculturais do botequim**

Em um dos primeiros estudos brasileiros sobre o tema, Silva (1969) analisa a organização social e o funcionamento do botequim, bem como tenta compreender o significado deste tipo de estabelecimento para a população residente nas áreas urbanas da cidade. Buscando situar o botequim dentro do conjunto das casas de bebidas, o autor identifica algumas variáveis que intervêm na sua diferenciação, tais como as diferentes classes de produtos postos à venda nos diferentes tipos de casas de bebidas, as diferentes formas de utilização do espaço do bar pelos frequentadores, o nível de duração de intensidade e permanência no local, etc. Estas variáveis identificadas o levou a caracterizar o botequim como estabelecimento frequentado por indivíduos de classe baixa.

No que diz respeito à organização social, observa-se neste estudo que a hierarquização dos grupos é determinada principalmente pela percepção do status individual e reforçada pelo comportamento do proprietário do estabelecimento por meio do mecanismo de concessão de crédito. Os padrões básicos de relacionamento, revelam a existência de conflito e cooperação entre clientes e entre estes e o proprietário, assim como a existência de mecanismos informais de controle que mantêm baixos os níveis de tensão.

Foram estudados aspectos do sistema de valores de visão de mundo dos frequentadores por meio dos temas mais frequentemente abordados nas conversações. Percebeu-se que as atividades não-manuais não eram consideradas como trabalho, entendido este como desgaste de energia física; que existe uma orientação autoritária na vida cotidiana, a partir de uma perspectiva de que a autoridade deva ser exercida de forma violenta e coercitiva; que o machismo é um valor; que a religião é frequentemente uma tentativa mágica de enfrentar as dificuldades diárias; que a rotina substitui a reflexão sobre o futuro.

Finalmente, o estudo de Silva (1969) aponta mais diretamente para as seguintes considerações. Apesar de se considerar o nível de integração das chamadas comunidades marginais, enquanto grupos, na sociedade global, ocorre uma não integração cultural de parte dos indivíduos pertencentes a estes grupos. É o caso dos

freqüentadores de botequim, os quais buscam através deste espaço um meio de integrar-se. As condições gerais que determinam esta forma de integração é resultante do fracasso das organizações tradicionais de sustentação individual, tais como a família e a comunidade. Resultam também da incapacidade de integrarem estes indivíduos nas novas organizações surgidas com o processo de urbanização e industrialização, como o trabalho e o consumo. Nesse sentido, o botequim representaria uma forma de suprir esta lacuna, criando profundos laços comuns entre os clientes, restabelecendo o sentimento perdido de comunidade, proporcionando um sentimento de integração e servindo como defesa à sensação de desorientação frente à sociedade global. Em suma, o botequim simboliza um esforço no sentido de participar de um universo novo por parte de certos grupos desamparados pela ruptura dos esquemas referenciais da sociedade tradicional.

Caldas (1989) estabelece uma outra leitura para o entendimento do significado do espaço do botequim. Utilizando a denominação “bar” – o que, de certa forma, estabelece uma diferenciação entre botequim e bar –, o autor o analisa como um produto cultural, apropriado por outras classes sociais como fruto de uma reelaboração do valores culturais anteriormente não pertencentes ao seu meio social.

Reportando-se à Hobsbawm, o autor situa a Revolução Industrial como um marco na transformação do estilo de vida material, sobretudo da classe operária, com significativas conseqüências no desenvolvimento da indústria do consumo. O surgimento do “*pub*” na sociedade inglesa do século XIX, por exemplo, estimula o desenvolvimento de uma intensa vida cultural e social. À luz dessa percepção, emerge desse processo um novo estilo de vida nas camadas baixas da população inglesa. O *pub* inglês do início do século XX é um ambiente atraente, ponto de encontro, promovedor, por conseguinte, de uma nova rotina de vida, de uma nova estética do gosto proletário. Neste lugar se discutia de novelas a religião, de política a esportes. Entretanto, a imagem do bar é associada à de um lugar feito para o povo, rejeitado portanto pela burguesia, embora esta se sentisse atraída pelo fascínio do clima do bar. O que ocorre na Inglaterra, é a apropriação pela burguesia de um valor cultural, de uma instituição cultural (o *pub*) do proletariado. Cria para si o “*salon bar*” no qual irá exibir seus valores estéticos. Claro está que nesse processo está presente o fenômeno da interpenetração cultural. Para Caldas, tal fato não deve ser entendido como mérito ou demérito, à medida que é apenas decorrência de um processo histórico. O processo de interpenetração cultural não deve ser visto como um fenômeno prejudicial à cultura. Quando a burguesia incorporou ao seu universo cultural valores da cultura proletária, como é o caso do *pub*, não significa a destruição nem da cultura proletária, nem dos seus valores estéticos.

O que deve ser posto em evidência no estudo deste ambiente, é o gosto pela vida prazerosa do bar, das conversas sérias e não sérias, das inevitáveis brincadeiras entre amigos, ainda que de forma recatada ou dionísica. Este, sim, é um comportamento, um desejo que estaria acima da divisão da sociedade em classes sociais, da ideologia. É um desejo inerente ao homem muito antes de institucionalizar o domínio e a subjugação do seu semelhante.

Ao estudar o cotidiano de um bar urbano noturno, Muniz (1990) identifica-o

como lugar de beber e conversar, como sendo o espaço onde a sociabilidade é explícita e o senso comum orienta as expectativas individuais. O bar trás consigo o próprio sentido da festa. A possibilidade de encontros, paixões e desencontros, alegrias e tristezas. O seu freqüentador habitual é aquele cliente fiel, freqüentador assíduo, acostumado e identificado com todo o contexto, podendo ou não ser boêmio. Tem como sua primeira característica a constância, no que se refere à sua presença em dias determinados, horários e lugar ocupado no ambiente do bar. A segunda e talvez a mais importante é a familiaridade com o espaço, como se estivesse em sua própria casa. Segundo o autor citado, o freqüentador habitual gosta de ser identificado como cliente preferencial e de ser tratado de modo particular.

Para este freqüentador, o ambiente do bar se caracteriza pela possibilidade de troca de idéias, como primeiro fator de destaque; é também ponto de encontro, lugar de fazer e cultivar amizades, adquirir novos conhecimentos pessoais interessante também percebê-lo como espaço de narcisismo, atitude esta não predominante, porém presente no comportamento de certos freqüentadores.

Outro dado importante apontado pelo estudo de Muniz (1990) é o da “correspondência física e social” estabelecida entre os freqüentadores habituais do bar/botequim. Está nesta correspondência a compreensão da estabilidade dos conjuntos sociais que, apesar da multiplicidade das ações e dos afetos que os animam, fundam-se num equilíbrio interdependente formado pelo que o autor chama de “vínculos de simpatia”. É este que orienta a socialidade de base na qual a correspondência se oculta na própria superfície das coisas.

O que se passa é que em torno de uma mesa de bar, reúnem-se indivíduos que têm trajetória de vida diferente, porém existe um entrecruzamento de interesses que exprime a correspondência social que é o sistema solidário, cujas partes se acham interligadas e vibram simpaticamente.

Verifica-se também que o espaço do bar transforma-se em “lugar” social através de processos de tipificação de experiências pessoais, nas quais são selecionados aspectos do ambiente que se apresentam mais interessantes. O autor observou empiricamente que a apropriação dos espaços caracteriza a complementariedade que cada freqüentador habitual procura, quase como uma maneira de se integrar a um ecossistema que o sustente física e socialmente.

O bar serve também como uma vitrine para a explicitação dos projetos individuais de seus freqüentadores, uma vez que o seu desempenho neste ambiente mostra sua situação no mundo social, sua relação com o sucesso e o fracasso postos no interior de sua vida cotidiana. Nesse sentido, o estudo etnográfico realizado por Muniz (1990) indica que a expectativa na ida ao bar tem haver com a expectativa de sucesso social, no que significa ato realizado de acordo com interesses pessoais, e informa o interesse mais específico dos projetos do freqüentador habitual.

## **O Botequim: lazer popular e estilo de vida na vida da cidade**

Botecos e bares espalham-se pela cidade afora e os há para todos os gostos,

sob formas e estilos os mais diversos. A crônica de Veríssimo, apresentada na introdução deste trabalho, bem define o que estamos a dizer. A dimensão do planejamento deste espaço é apresentada em estudo realizado por Sommer (1973).

Em que pese, na maioria das vezes, a pouca preocupação em nossa realidade com este fator no processo de ocupação dos espaços urbanos da cidade, para a instalação deste tipo de estabelecimento comercial o botequim e/ou bar são por excelência casas públicas planejadas para a sociabilidade. A presença do botequim no espaço urbano das cidades médias e pequenas do interior do Brasil pode ser visto como ocupante da lacuna deixada pelos antigos cafés do início do século. Naqueles como nestes, em que pesem os sinais dos tempos, as mudanças dos costumes, muitos são os aspectos semelhantes. Tal como o café, o bar

“é o lar do indivíduo longe de casa, seu céu e sua ilha de tranqüilidade, sua sala de leitura e seu salão de jogos, seu púlpito e seu muro de lamentações. No café (e no bar), o indivíduo está livre das reclamações da mulher, dos filhos desobedientes, dos rádios monótonos e dos cães que ladram, dos chefes rigorosos e dos credores impacientes” (Sommer, 1973: 150).

O botequim é na ordem urbana um dos poucos lugares onde qualquer pessoas com dinheiro e, muitas vezes, sem dinheiro pode ter a certeza de ser bem recebido. Halnos, citado por Sommer, ao estudar a presença dos bares na sociedade americana, o descreve como sendo o único lugar livre, não exotérico, não excludente à prova do mau tempo e onde o trabalhador comum poderia reunir-se. Estes lugares públicos para beber são descritos também como regiões abertas, ou seja, as pessoas presentes, conhecidas ou não têm o direito de iniciar conversa com outros e o dever de aceitar a iniciativa dos outros. Existem também nos Estados Unidos grandes diferenças locais e regionais entre os lugares para o consumo de bebida alcoólica. Na mesma cidade existem bares de bairros que têm como seus freqüentadores, pessoas das quadras próximas, e bares mais ricos de centro que são freqüentados por pessoas de toda a cidade e de suas redondezas. O bar do bairro estimula a sociabilidade entre fregueses constantes, mas o estranho será visto com desconfiança e hostilidade. Semelhante situação não parece, a nosso ver, estar presente nos bares e botequins da paisagem urbana brasileira. Verifica-se nesta paisagem, que cada esquina tem seu bar predileto com uma clientela fiel. Neste contexto, tais bares apresentam-se como sendo regiões particulares por parte de seus freqüentadores regulares. O freqüentador não habitual contudo é bem recebido à medida que este interaja com os freqüentadores regulares.

Ao se perguntar sobre qual função se deve atribuir ao bar/botequim na vida da cidade e na vida do indivíduo só ou em grupos, chegaremos inicialmente a uma primeira resposta que pode ser vista como evidente. Na cidade, a principal função de um bar, pode ser entendida como a de disponibilizar as pessoas de um ambiente onde as mesmas possam se reunir, estar com os outros. Chega-se mesmo a entender este “estar com os outros” como uma necessidade da espécie humana, de busca de contato, de manutenção de seus traços ancestrais de vida em grupo, perdidas em certa medida com o advento da moderna sociedade industrial.

Segundo Gottdiener (1993), os espaços sociais urbanos, dentre os quais

destacamos o espaço do bar, ocupa um papel de destaque como equipamento de lazer na cidade. Revela, por conseguinte, as dimensões assumidas pela reprodução social dos diferentes espaços públicos de convivência e interação presentes na vida da cidade. O botequim explicita uma certa geografia do ócio na cidade, mostrando como as compartimentalizações de sua vida societária imprimem na vida cotidiana dos indivíduos diferentes tempos e atitudes de lazer. Aspectos estes que se revestem de atualidades, tendo em vista a discussão posta na sociedade atual, focalizando o problema do tempo livre e da qualidade de vida do cidadãos que vivem no centro e na periferia das metrópoles, bem como das pequenas e médias cidades. Nestas, a apropriação de certos espaços e ambientes, como é o caso do bar, durante o tempo livre dos indivíduos, leva-nos a uma discussão no que diz respeito aos valores sócio-culturais dessas populações e de seu estilo de vida.

O espaço/ambiente do bar ajuda-nos, dessa forma a pensar sobre o tipo e os lugares de lazer que a cidade propicia ou que são cultivados por seus habitantes. Magnani (1996) denomina “pedaço” ao espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individuais impostas pela sociedade.

Em torno desses espaços tece-se a trama do cotidiano, sendo também espaço privilegiado para a prática do lazer. Estabelece-se por meio do “pedaço” um certo estilo de vida e um hábito (Bourdieu, 1982) por intermédio dos quais os indivíduos freqüentadores habituais se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gestos, orientações, valores hábitos de consumo, modos de vida semelhantes. Os bares são, antes de mais nada, parte daquilo que Magnani (1982) chama de pedaços da cidade. Lugares de encontro nos fins de semana ou após a jornada de trabalho, onde a sinuca, o dominó, ou simplesmente o “mé” ensejam longas discussões sobre a última partida de futebol e o desempenho de cada jogador, permitem a troca de informações sobre algum “trampo”, documentação, qualidade e preço de materiais de construção. etc.

### **Atitude de lazer dos freqüentadores habituais dos botecos urbanos: benção ou maldição?**

Gostaríamos, inicialmente, de tecer algumas considerações sobre o entendimento que alguns estudiosos da área têm em relação à questão “tempo e atitude de lazer”.

Para Gaelzer (1979), a maioria dos estudos realizados até o momento de sua pesquisa entendia o lazer a partir do conceito de tempo, atividade e atitude. Para abordar o espaço do bar como espaço de lazer, tomaremos para discussão os conceitos anteriormente citados de tempo e atitude. Tempo de lazer é definido pela Sociologia, como tempo ocupado em atividades que não se revertem em benefícios econômicos, as quais são necessárias à vida por suas exigências biológicas, psicológicas e sociais. Kraus (1971), citado por Gaelzer, após analisar a evolução do conceito de lazer,

conclui que este diz respeito a “uma porção de tempo” individual que não é destinado ao trabalho, nem às responsabilidades relacionadas a ele, nem a outras atividades de sobrevivência e que, portanto, pode ser considerado tempo livre, desobrigado. Dessa forma, o lazer conceituado como tempo, torna-se resultante da organização social do trabalho e uma consequência da revolução tecnológica e do progresso científico. Entretanto, considerar o lazer a partir da perspectiva do tempo livre significa entendê-lo como um fator extrínseco ao indivíduo e condicionado sobretudo ao relógio.

Se tomarmos como ponto de partida que o lazer está associado ao bem-estar do indivíduo o conceito de atitude de lazer implica que este seja considerado não na perspectiva dos valores tidos como universais. Muitas iniciativas individuais, de livre escolha, podem contrastar quanto a seus valores em diferentes culturas ou na mesma sociedade. No que diz respeito ao uso do tempo livre, o que deve ser ou não moralmente aceito, advirá pois, das condicionantes sociais, políticas, morais, presentes nas diferentes sociedades. Em todos os campos do lazer, as atitudes devem ser analisadas sem dogmatismo, pois por detrás dela, está a representação de um estilo de vida de um dado indivíduo, grupo ou sociedade.

Segundo Marcelino (1995), embora assentado numa vertente funcionalista, a tendência dominante entre os especialistas (Dumazedier, 1980; Reiquixa, 1980) tem apontado no sentido de considerar as duas variáveis, tempo e atitude, na conceituação do lazer, enfatizando sempre a qualidade das atividades desenvolvidas. Considerando-o como atitude, o lazer será caracterizado pelo tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, ou seja, a satisfação provocada pela experiência vivida. Associado ao fator tempo, são consideradas as atividades desenvolvidas no tempo liberado do trabalho, ou no “tempo livre”, não só das obrigações profissionais, mas também das familiares, sociais e religiosas. Tomadas, portanto, isoladamente, o conceito de tempo e atitude pode levar a uma série de equívocos (Marcelino, 1987: 2):

“(…) O lazer ao ser encarado como atitude, como um estilo de vida, independente de um tempo determinado, fica na dependência exclusiva da relação da pessoa envolvida com a atividade. E, assim, qualquer atividade poderia ser considerado lazer, até mesmo o trabalho, desde que atendessem determinadas características, como a escolha individual, e um nível de satisfação e prazer elevados. (...)”

“(…) por outro lado, a consideração isolada do aspecto tempo, trás uma série de interrogações. Por exemplo: como poderiam ser consideradas as atividades desenvolvidas no tempo em que o trabalhador se desloca do local do trabalho para o local de moradia e vice-versa? Como considerar as ações prazerosas desenvolvidas no âmbito de tempo dedicado às obrigações familiares?”

Elias e Dunning (1995), consideram que falar em atitude de lazer na sociedade contemporânea significa compreender termos caros à Sociologia, tais como normas e valores. Estes variam conforme as diferentes sociedades e, dentro de uma dada sociedade, tendo em vista os diferentes momentos e esferas de sua vida cotidiana. As pessoas em sociedade seguem frequentemente normas diferentes em esferas distintas das suas vidas. Elas atuam como esferas-limites, dando a entender contudo que determinada conduta que pode ser normal numa esfera, pode ser desvio noutra. Estes

autores apontam para o problema da volatilização desses conceitos quando aplicados na análise dos problemas do lazer. Considerando-se o lazer como uma esfera e o não-lazer como outra, o que se observará, segundo essa percepção, é que em ambas as esferas os seres humanos seguem certas normas, mas estas são diferentes e por vezes contraditórias.

“Deste modo, quando Laurel e Hardy trazem uma árvore de Natal a um cliente, ela fica presa na porta e atiram a porta no chão, e o cliente lhes bate e todos ficam loucos numa orgia de destruição, nós rimos às gargalhadas, embora, tanto eles como nós estejamos a agir em oposição às normas da vida de não lazer, eles por baterem uns nos outros, nós por nos rirmos devido a isso. Num combate de boxe, as normas da vida de não lazer, como aquelas que proíbem a agressão física sobre os outros, são suspensas e outras normas tomam o seu lugar. As comunidades de bebidas desenvolvem, também, normas específicas de lazer; por exemplo, que se pode beber mais, mas não se deve beber menos do que os outros e que se pode ficar *um pouco* embriagado, mas não demasiado.” (pp.152-153)

Os espaços de sociabilidade e manifestação do tempo livre, tal como o do bar, esboçam uma atitude de lazer determinada por figurações concretas. Elas se estabelecem no ambiente, formado a partir do indivíduo e posteriormente do grupo, movidas pela dinâmica das ações que ali se desenrolam. A descrição de Silva Saião (s.d.: 13) é ilustrativa a esse respeito:

“O balcão é daqueles antigos, em mármore. Uma prateleira de bebidas, duas mesinhas na entrada e, ao fundo, quatro mesas de bilhar. Neste cenário modesto – um bar da Bela Vista que não tem sequer um nome – ocorre, todos os dias, uma reunião tão heterogênea que qualquer psicólogo que se dispusesse a explicá-la, no mínimo hesitaria. Operários – a maioria nordestinos – um grupo de cabeludos, conhecidos apenas como “hippi”, e estudantes de um cursinho pré-vestibular integram-se numa tranqüila partida de bilhar, repartindo fraternamente as mesas de um dos únicos bares de bairro que ainda mantêm esse tipo de jogo.”

Parece-nos, frente a essa rápida passagem pela literatura, ser inconveniente e pouco esclarecedora a idéia de uma atitude de lazer sustentada numa perspectiva fechada de normas e valores. Dessa forma, as características e funções assumidas pelo lazer na moderna sociedade urbano-industrial deve ter em mente o estilo de vida dos indivíduos no conjunto dessa sociedade, bem como as formas de apropriação e produção social do espaço urbano. Passa também por esse crivo o dimensionamento mais adequado da atitude de lazer dos freqüentadores habituais do bar/botequim o que implicaria necessariamente numa abordagem multidisciplinar do lazer na cidade, enfocando aspecto de natureza sociológica, psicológica e antropológica.

Segundo Da Matta (1993), no Brasil só existem três coisas sérias: a cachaça, o jogo de bicho e o futebol. O que propomos neste tópico é levantar algumas questões referentes ao problema do tempo e da atitude de lazer, inserindo o ambiente do botequim no interior dessa discussão. Não se pretende com isso a realização de julgamento de valor do produto disponível neste espaço/ambiente, ou seja, o álcool.



Embora dito que é o álcool fator de sociabilidade, para muitos, ele também significa discórdia e perda. Sob essa ótica, o que então dizer do estabelecimento que promove o seu consumo e, especialmente, do ambiente para esta finalidade preparado? Boteco e bares diferem-se em muitos de seus aspectos, indo desde a sua localização, seu aspecto interior, as características de seus frequentadores, os horários e tempo de permanência dos mesmos. Enfim, um sem número de configurações estão passíveis de apresentarem. Aquele a que nossa discussão busca se deter refere-se ao “bar nosso de cada dia”, onde o sujeito, trabalhador ou não, disponibiliza uma parcela de seu tempo cotidiano para nele estar. Não o dispensa, pois o mesmo está incorporado no intervalo entre o seu fazer e seu não fazer cotidiano. Seja para conversar, para jogar sinuca, para assistir a TV, para fazer jogo de bicho, enfim para saber das novidades, ali está aquele frequentador habitual. O botequim é, para estes, o intervalo de tempo entre a casa e a rua, entre o trabalho e o tempo livre.

Abordá-lo sob essa perspectiva implicou que identificássemos o significado do lazer como atitude, o que no nosso entendimento, tem a ver com a atitude individual, com a subjetividade do sujeito que decide sobre o que fazer em seu tempo livre. Observamos por meio desse quadro um certo estilo de vida de pessoas, de grupos e minorias excluídas dos produtos postas ao consumo, sobretudo, tendo em vista as formas de apropriação do espaço levadas a efeito pelo Estado na sociedade capitalista, movida pelos ditames da indústria cultural.

O “pedaço” enquanto foco de resistência à cultura do consumo e à prática do lazer popular tem sido absorvido e apropriado por equipamentos de lazer cada vez mais caros e sofisticados. São shoppings centers ocupando os espaços dos campos de várzea e as grandes redes de lanchonete, os espaços dos bares e antigos cafés. Este fato é percebido principalmente nas metrópolis e cidades de porte médio. Nestas, via de regra, o bar vem perdendo a sua característica de ponto de encontro. Os tradicionais botequins onde se “jogava conversa fora” são substituídos nas áreas “nobres” pelas lanchonetes, onde o consumo desestimula a convivência.

Contudo, na paisagem de alguns bairros de periferia e principalmente nas pequenas cidades do interior este é ainda um espaço de convivência e de resistência ainda que recriando e reapropriando a seu modo o estilo de vida da cultura de massa. Verifica-se entretanto que o bar/botequim funciona como um autêntico espaço de lazer para uma significativa parcela da população. Imprimem uma rotina de tempo livre, mantenedora de uma certa identidade cultural reformadora, na nossa opinião, da dinâmica social da cidade, alimentando crenças e tradições arraigadas no seu cotidiano, como também reafirmando frente à racionalidade instrumental as possibilidades iminentes do mundo da vida.

## **Finalizando...**

Gostaríamos de finalizar dizendo que discutir o espaço do bar, na paisagem urbana da cidade, significa conhecer um pouco do estilo de vida do grupo que o frequenta, bem como a ideologia que perpassa suas práticas de lazer e seu modo de

ocupação do tempo. São nos pedaços da cidade que práticas de lazer tais como a ida ao bar se manifestam. Nestes espaços compartimentados da cidade os indivíduos promovem seus encontros com seus pares sociais habituais. Nesse sentido, o espaço ocupado pelo bar/botequim na geografia do lazer da cidade deve ser levado em consideração. Embora percebendo-o muitas vezes como um lazer ocioso, no sentido pejorativo do termo, o bar encontra-se inserido nesta geografia como mais um dos equipamentos de lazer da cidade. Incorporado aos hábitos e costumes da população brasileira, faz parte da cultura popular, do dia a dia de parcelas dessa população, especialmente a população de baixa renda, naquilo que diz respeito ao seu tempo livre. Embora competindo em desigualdade de condições com as grandes indústrias do lazer e do entretenimento, o boteco da esquina representa uma brava resistência à avassaladora indústria do consumo do lazer e de bens culturais que, respaldada pela mídia, homogeneiza e globaliza hábitos, costumes e comportamentos. Atua também, muitas vezes, como preenchedora de um certo vazio posto pelo abandono dos espaços públicos de lazer da cidade e de recuperador de sua função democratizadora e sociabilizadora. A percepção que se tem é que o botequim proporciona, em certa medida, junto aos seus atores sociais uma certa experiência de igualdade e justiça social. O balcão do bar é um espaço de todos compartilhado em igual medida por pretos e brancos, pobres, ricos e remediados, empregados e desempregados, pelo patrão e o operário, pelo médico e o paciente. Perpassa, por conseguinte, neste espaço, pelo menos durante o período que todos ali permanecem, a idéia, ao mesmo tempo utópica e real, de que os espaços de lazer e convivência social na cidade são democráticos e abertos a todos os indivíduos, raças e classes.

A discussão empreendida neste trabalho nos faz considerar ser o bar, de fato, um espaço de lazer na cidade. Mesmo quando é tido como espaço de vício e de degradação moral e social, o boteco é parte integrante da cultura da cidade, que sobrevive não por uma questão de mercado, mas sim porque é vida na vida da cidade. Representa também uma denúncia às formas de segregação social e espacial a que são submetidos os indivíduos na sociedade pós-moderna pelo desaparecimento, cada vez mais, dos espaços urbanos de lazer popular.

### **Abstract**

*In this paper it is tried to reflect about the “botequim” while popular leisure area as a characterized element of a life stile in the city. We talk with some authors wich reflect about this area. They try to understand the meaning of the “botequim” in the Brazilian urban society and they consider it as an important cultural product in Brazilian life cotidian. Authors make a proposal to study the “botequim” in its proper meaning to part from the perception of its common visitors. The “botequim” is understood a part from the city and its social production of its urban place. We departure from the perception that in the cities exist breaked leisure time where people meeting with their common social partner. In this sense the compreension of the “botequim” in the geography of the leisure city must be an object of analysis and consideration.*

**Keywords:** *leisure; city; life stile.*

## Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org.) *Bourdieu*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.
- CALDAS, Waldenyr. O gosto pelo bar. *A utopia do gosto*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 32 a 41.
- DA MATTA, Roberto. *Correio da Unesco*. ano 21, n. 2, p. 16 a 17, fevereiro. 1993.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- ELIAS, Norbet e DUNNING, Eric. O Lazer no Espectro do Tempo Livre. In: \_\_\_\_\_ *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- GÄELZER, Lenea. *Lazer: benção ou maldição?* Porto Alegre: Sulina, 1979.
- GOTTDIENER, Mark. *A reprodução social do espaço urbano*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 1993.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os pedaços da cidade. *Espaço e debates*. São Paulo, ano 2, n. 5, p. 67 a 80, mar./jun., 1982.
- \_\_\_\_\_. Quando o campo é a cidade. Fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C. e TORRES, Mírian de Lucca. (orgs.) *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996. p. 12 a 53.
- MARCELINO, Nelson Carvalho. *Lazer e humanização*. 2. ed. Campinas/SP: Papirus, 1995.
- \_\_\_\_\_. Tempo e atitude. *Correio Popular*. Campinas, 17 abr. 1987. Suplemento “Lazer e Turismo”, p. 2.
- \_\_\_\_\_. A Casa, o bar, a rua... equipamentos não específicos. *Correio Popular*. Campinas, 10 jul. 1987. Suplemento “Lazer e Turismo”, p. 2.
- MUNIZ, André Faria. *Habitués*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 1990. (Dissertação de Mestrado).
- SAIÃO, Sílvia. Os Bares como Lazer. *Cadernos de lazer* n. 1. São Paulo: Sesc, s.d.
- SILVA, Luiz Antônio Machado. O significado do botequim. *América Latina*. Rio de Janeiro, 12 (3): p. 160 a 182, jul./set. 1969.
- SOMMER, Robert. Planejado para a bebida. In: \_\_\_\_\_. *Espaço pessoal*. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: Epu, Edusp, 1973.

**Kleber do Sacramento Adão** é professor da FES de São João del Rei, doutorando em Educação Física pelo Departamento de Estudos do Lazer da Faculdade de Educação Física da Unicamp e bolsista do programa PICD da Capes.  
E-mail: kadoo@prover.com.br